

ARTIGO LIVRE

“DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS” O PAPEL DO CÍRCULO OPERÁRIO CATÓLICO NA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA INFÂNCIA EM SANTA CATARINA*

"LET THE CHILDREN COME TO ME" THE ROLE OF THE CATHOLIC OPERATOR CIRCLE IN THE HISTORICAL CONSTITUTION OF CHILDREN IN SANTA CATARINA

ROSA BATISTA**
LEONETE LUZIA SCHMIDT***

RESUMO

Neste trabalho procurou-se apresentar algumas reflexões sobre a constituição histórica da infância a partir da primeira iniciativa de creche no Estado de Santa Catarina criada pelo Círculo Operário Católico de Joinville. O período vai de 1936 a 1949, vigência da direção de Padre Alberto Kolb do Círculo Operário Católico e da Creche Conde Modesto Leal daquele município. As fontes documentais são constituídas pelas Reminiscências do Círculo Operário, livros-arquivos, atas e fotografias, Jornais do Órgão Oficial Movimento dos Círculos Operários, pertencentes ao acervo dessa instituição. Observou-se que o período foi marcado por relações entre Igreja-Estado, caridade-filantropia, em torno da conservação e higienização da infância.

PALAVRAS-CHAVE: História da Infância; Círculo Operário; Santa Catarina; Creche.

ABSTRACT

In this paper we tried to present some reflections about the history of childhood from the first initiative of Child Care Center in the State of Santa Catarina created by the Catholic Worker Circle of Joinville. The period runs from 1936 to 1949, by the direction of Priest Alberto Kolb on the Catholic Worker Circle and on the Child Care Center Conde Modesto Leal in that town. The documentary sources comprise the Reminiscences Circle Worker, books, files, minutes and photographs, official publication of newspapers of the Movement of Workers Circles, belonging to the collection of that institution. It was observed that the period was marked by relations between Church and State, charity and philanthropy around the conservation and cleaning of childhood.

KEYWORDS: History of Childhood; Worker Circle; Santa Catarina; Child Care Center.

Introdução

*'Deixai vir a mim as criancinhas' [...] Quanta sublimidade, quanta caridade, quanto amor, quanto carinho se encerram neste magnífico mandamento deixado pelo Mestre perfeito. Maravilhosa semente que caiu em terreno quase sáfaro, germinando em quase nada, que desapareceu completamente em relação ao todo! Nas páginas do livro mais bello da cristandade, a Bíblia, estão escritas palavras de epopéias extraordinárias de amor às crianças. Mas deixemos as eras bíblicas, não consultemos o passado Juliano, deixemos para traz a nebulosidade dos séculos; não folbemos os livros sábios, nem tão pouco os velhos vetustos alfarrábios, porque a nebulosidade está turvada, os livros sábios nos dizem que as criancinhas não foram amadas como ordenou o meigo Nazareno, e ficaremos estarecidos de horror, lendo o trucidamento das criancinhas do Senhor, constatando que o homem, esquecendo-se de que também fora criança, escravizou a própria criança, chegando até a miséria humana de marcá-las na face a ferro em braça. Deixemos para traz tanta degradação do homem e paremos, porque não podemos ir mais adiante, em pleno século 20, em pleno século do rádio e do radar, no expoente máximo da inteligência humana. E paremos, porque nos chegam aos ouvidos os gemidos de milhões de criancinhas despedaçadas pela guerra mundial, porque nos chegam aos ouvidos os lamentos infantis que pedem pão, os estertores de milhares de crianças tuberculosas, de dezenas de milhares de crianças com fome, de milhões de mães, cujos seios flácidos não mais podem alimentar. E lá do alto dos céus, o Filho de Deus, triste, muito triste, continua a chamar: **Deixai vir a mim as criancinhas!**^{1. 2}*

O espírito caritativo de exaltação da criança como ser divino e natural, merecedora do amor dos homens e de sua abnegação e piedade em favor da sua educação e conservação, é a tônica do discurso proferido na ocasião do Dia do Trabalho organizado pelo Círculo Operário Católico de Joinville.³ Expõe o drama da pequena infância em

meados do século XX em que a “modernização” já se faz presente, no entanto vive-se o drama da morte, do abandono, da fome, e da doença que afeta a vida das crianças. O discurso também evidencia a necessária ruptura com o passado, e evoca a necessidade da tomada de consciência acerca dos problemas que esta infância, pobre, órfã, doente, oriunda de famílias marcadas por uma condição social de miserabilidade, que não podem alimentar, cuidar e educar seus filhos, representam para o futuro da sociedade. No discurso a infância pobre é anunciada não somente como um problema espiritual, mas como um problema social e, portanto, necessita ser amparada, protegida e incorporada por homens piedosos com elevado espírito cristão que deverão saber ouvir e seguir os apelos do “Filho de Deus que continua a chamar: *‘Deixai vir a mim as criancinhas’*”.

A pequena infância é anunciada como problema social e isso se revela numa nova sensibilidade a respeito da sua condição no mundo, e, nesse sentido,

[...] os discursos, começando por partir da identificação dos problemas das crianças pobres e das suas famílias: abandono, infanticídio, mendicância, vadiagem, mortalidade, falta de educação, acabam por enfatizar redundantemente, a reflexão em torno das suas causas e consequências, reconceptualizando-os como extensões da sociedade da qual irrompem, passíveis de ser localizados, quer temporalmente, quer no mapa social.⁴

Ellen Key, no ano de 1900, em seu livro *O Século da criança*, faz uma crítica em relação à maneira como a criança era tratada entre o proletariado e as classes altas. Na obra, a autora antevia uma sociedade

melhor e manifestava sua esperança, perspectivando que o século XX seria “o século da criança”. Ferreira, ao referir-se a esta expressão, argumenta que este, em outro sentido, “deve-se ao ‘corpus’ maciço de conhecimento construído, principalmente, por médicos, psicólogos, psicanalistas e outros cientistas sociais que através de estudos sistemáticos a elegeram como objeto a observar e descobrir”.⁵

Egle Becchi também se integra nessa discussão ao considerar que “o século XX, comemorado como da ‘criança’, é, portanto, o século no qual a criança passa de classe, de idade, de categoria, demográfica e civil a sujeito sempre mais individualizado, governado, formado, estudado”.⁶

É importante ressaltar que, a partir do final do século XIX, os modos de produção das sociedades ocidentais sofrem mudanças que produzem, no âmbito das organizações sociais, uma transformação das funções das instituições responsáveis pelas crianças, provocando alterações consideráveis nas responsabilidades de âmbito público e privado sobre as novas gerações. Tais mudanças, derivadas da industrialização, embora variáveis nas diferentes camadas socioeconômicas e culturais, produziram, com a privatização das famílias e da propriedade, uma nova forma de criação e educação das crianças.

Os estudos e pesquisas sobre os processos históricos de reconhecimento e valorização da pequena infância nos contextos socioculturais, e o surgimento de instituições educacionais voltadas a elas permite localizar o papel preponderante do movimento médico-higienista no que se refere às crianças nesse período, cujas preocupações dirigiam-se à saúde e à contenção dos males sociais originados da pobreza e que, certamente, ameaçavam os interesses dominantes.

Tal processo deflagra a construção de discursos e práticas científicas, o surgimento de instituições e profissionais voltados para a criança e a infância, sendo a pedagogia, a escola e o professor aqueles que passam a ter, como “objeto” privilegiado de intervenção, a criança (como aluno). A escola é a primeira instituição que se destaca com uma função social de compartilhamento com a família, de instrução e formação dos mais novos.⁷ Não se trata, aqui, de referir toda a história da educação escolar. Entretanto, cabe salientar que a existência de instituições voltadas para a educação da pequena infância no Brasil antecede a educação escolar e sua própria difusão pública⁸.

No Brasil, o processo de definição das responsabilidades sociais sobre a pequena infância desencadeou a construção de padrões de assistência e educação caracterizados por processos excludentes, não assegurando acesso igualitário à assistência, saúde e educação, produzindo a convivência de diferentes modalidades de serviços educativos em instituições diversas, pois seu surgimento está vinculado, de modo acentuado, à história da assistência às crianças em asilos, reformatórios, orfanatos, abrigos e internatos, que são denominadas de formas diversas, conforme o momento histórico e a classe social a que se direcionam. Só a partir de 1988 é que se define constitucionalmente o direito à Educação Infantil às crianças, antes do ingresso no Ensino Fundamental.

Decorre desse *novo* olhar lançado sobre as crianças uma grande mobilização por parte de profissionais, políticos e intelectuais de diferentes segmentos da sociedade, dentre eles, jurídico, empresarial, religioso, médico-sanitário e pedagógico, no sentido de retirar as crianças

de ambientes compreendidos como inadequados para o seu crescimento e desenvolvimento, para oferecer melhores condições de vida por parte dos poderes públicos e entidades particulares. Portanto, o debate científico oriundo, principalmente da medicina higienista, é constituidor de discursos que fomentaram a instalação de diferentes instituições, Creche, Posto de Puericultura, Jardim de Infância, Escola Maternal, Gotas de Leite, entre outras, e disseminaram estratégias do tipo normativo e regulador no sentido de garantir eficácia e eficiência dos serviços de higiene e assistência à infância.

Os problemas da infância, oriundos das condições precárias de existência causadoras de alto índice de mortalidade infantil, são tratados como ausência de educação sanitária e higiênica das famílias empobrecidas, em especial das mães. As ações educativas no âmbito da medicina social faziam-se presentes em Lactários, Postos de Puericultura, Creches, entre outros, com propósito de preservar a infância por meio dos preceitos de puericultura direcionados às mães.

O problema da infância é principalmente o problema da miséria da família, da incapacidade do lar incompleto, indigno, incompetente, ou imoral, e para ele devem convergir as atividades e preocupações dos Governos.⁹

Os discursos voltados ao atendimento educativo-assistencial da pequena infância no Brasil, que emergem na transição do século XIX e ao longo das primeiras décadas do século XX, reverberam em um conjunto de estudos e pesquisas, como os de Vieira; Civiletti; Kuhlmann Junior; Kuhlmann Junior e Freitas; Souza; Batista¹⁰, entre outros, e têm contribuído para a desolcatação dos discursos subjacentes às políticas

sociais de assistência e proteção à infância, nos diferentes campos: médico, jurídico, pedagógico e religioso.

Neste artigo o objetivo é refletir sobre o papel do Círculo Operário Católico de Joinville na constituição histórica da infância em Santa Catarina nas décadas de 1930 e 1940. As fontes documentais analisadas são Atas, Boletins do Círculo Operário de Joinville, Reminiscências do Pe. Alberto Kolb, dentre outros documentos que foram encontrados em sua grande maioria no acervo referente ao Círculo Operário de Joinville.

O papel do Círculo Operário Católico na constituição histórica da infância

A análise dos processos constituidores da pequena infância a partir de um amplo projeto educativo-assistencial desenvolvido na Creche Conde Modesto Leal para crianças da classe operária, idealizado e materializado pelo Círculo Operário Católico de Joinville, demandou estudos sobre as apropriações feitas acerca das políticas sociais de amparo à infância e à maternidade produzidas em âmbito nacional e regional.

Ao tecer considerações sobre a importância do Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI), Moncorvo Filho chama atenção para a necessidade de:

[...] intensificar a assistência às mães e seus filhos, educar a população brasileira, fiscalizar e aconselhar as famílias pobres por intermédio de beneméritas e competentes visitadoras, pôr em prática tudo quanto de útil tem sido pela Medicina, pela Hygiene e pela

Puericultura adquiridos em-prol do robustecimento da raça e do combate à nati-mortalidade e à lethalidade infantil, cuidar desveladamente da alimentação dos lactentes devem constituir as bases das melhores medidas em bem do povo.¹¹

Revela-se uma preocupação com a educação das mães sobre uma base médico-higiênica, em que o aperfeiçoamento da raça, foco da puericultura, leva à produção de métodos e à criação de uma infinidade de instituições destinadas a proteger a vida das crianças desde a mais tenra idade, merecedoras de maiores cuidados da higiene infantil.

Decorrente da criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (1930), bem como do Departamento Nacional da Criança (DNCr, 1940), deu-se início, a partir desse período, a um conjunto de políticas de proteção à infância e à maternidade, com enfoque prioritário às áreas de assistência e saúde, respondendo minimamente aos impactos provocados pela política desenvolvimentista industrial, instaurada no governo Vargas.

Em discurso proferido por Getúlio Vargas sobre *O bem-estar e a saúde das mães e das crianças*, no Palácio Guanabara, em comemoração do Natal em 24 de dezembro de 1939, ele expõe a atuação do poder público e diversas providências no que consiste à proteção à maternidade e à infância:

Já foi autorizado o plano de construção e instalação de cerca de cinquenta maternidades e lactários, distribuídos por todos os Estados; a lei de proteção às famílias numerosas será decretada em breve; o fundo especial do auxílio familiar, por meio de uma taxa cobrada aos solteiros e casais sem filhos, constituirá, sem dúvida, uma experiência proveitosa e digna de apoio. Espero e recomendo, portanto, que

o cuidado da União seja secundado pelos Estados e Municípios, que também devem destinar verbas permanentes aos serviços de puericultura, completando, assim, a estrutura governamental capaz de preparar brasileiros robustos e animosos na exploração da nossa riqueza potencial.¹²

A adesão a este amplo projeto de “proteção à infância e à maternidade” pelo Governo Catarinense é imediata ao empreender no Estado de Santa Catarina uma campanha para difusão, por meio da imprensa, dos preceitos de higiene e da puericultura no sentido de mobilizar a sociedade para os problemas das doenças e mortalidade infantil. Seguindo a direção do movimento nacional, reestrutura a antiga Diretoria de Higiene e constitui o Departamento de Saúde Pública. Em meados da década de 1930, são criados Postos de Puericultura, Cozinha Dietética, Serviço de Higiene Infantil, Lactários e Creches com objetivos comuns, dentre eles, a produção e circulação de saberes e práticas de higiene e puericultura com fins de conservação e redenção da pequena infância. Este conjunto de iniciativas, no âmbito da saúde pública como uma política do Estado, visava a minimizar os problemas causados pelas precárias condições de higiene e salubridade decorrentes da situação de pobreza em que se encontravam as famílias da classe operária.

Na área da Saúde Pública, a propaganda e educação sanitária, constituíam-se nos maiores investimentos verificados, voltando-se para tarefas que pretendiam manter a vigilância permanente sobre os hábitos de higiene da população [...]¹³.

A pequena infância, objeto de intervenção educativa a partir dos preceitos da puericultura, é considerada como “promessa do futuro”,

matéria-prima do projeto em curso, cujo objetivo implícito é o fortalecimento da raça, pressuposto do ideário nacionalista empreendido pelo então Presidente Getúlio Vargas. “A puericultura desdobra-se numa perspectiva de controle racial, adotando princípios da eugenia, concepção racista que ganhava espaço nesse período”.¹⁴ Os princípios da eugenia são destacados no governo de Nereu Ramos por meio da imprensa catarinense, que atua como instrumento de defesa e divulgação do ideário nacionalista, do desejo de aperfeiçoar a raça, de construir um país de homens fortes e sadios, como indica o registro abaixo:

Concurso de robustez e beleza infantil promovido pela ‘A Gazeta’
[...] nosso concurso de Robustês e Beleza, certamente empolgou a cidade e que espelha um dos mais gratos aspectos do lar brasileiro, na sua contribuição para o aperfeiçoamento da raça. São crianças robustas, lindas, numa grandiosa afirmação de vigor e nobreza para a Pátria de amanhã.¹⁵

Nesse contexto de intenções modernizadoras, a ênfase na “Proteção à Maternidade e a Infância” exige a criação de instituições que congreguem a educação higiênica, moralizadora e normalizadora de hábitos e comportamentos. Em Santa Catarina, as instituições destinadas à educação da pequena infância, denominadas e reconhecidas como creche, começam a surgir a partir da década de 1930, através da ação de diversos segmentos sociais, com iniciativas da Igreja por meio do Círculo Operário Católico na cidade de Joinville, da indústria têxtil na cidade de Blumenau, da Legião Brasileira de Assistência (LBA) como promotora do Centro de Puericultura Beatriz Ramos, na cidade de Florianópolis¹⁶. As iniciativas respondem às prerrogativas das políticas sociais de

proteção à infância e à maternidade nos moldes da medicina social, da filantropia, assistência social, jurídica e pedagógica.

Tal instituição passa a ser idealizada como espaço essencial para atender às necessidades de cuidado à pequena infância, configurando-se, deste modo, como instância reconhecidamente assistencial e custodial, estando voltada ao amparo de crianças provenientes de famílias empobrecidas. Em outras palavras, a creche passa a fazer parte de uma política destinada à infância no Estado Novo, constituindo-se como ação de tutela e proteção às crianças pobres. É importante considerar que o período de 1930-1945 foi fortemente marcado pela assistência à saúde materno-infantil, caracterizado por uma maior participação do Estado nas políticas sociais, com ênfase à profilaxia moral e social à conservação e aperfeiçoamento da criança. A centralização do Estado em relação às políticas destinadas à pequena infância estava vinculada ao DNCr, cuja tarefa consistia na produção e divulgação dos preceitos e diretrizes da Puericultura, além da orientação técnica e auxílio financeiro às instituições de proteção à infância, dentre elas, a creche.

Sobre o Departamento nacional da Criança recai “a grande tarefa prévia, de manipular essa matéria preciosa, a infância, robustecer-lhe o organismo, solidificar-lhe o espírito e o coração, ampará-la quando frágil, protegê-la quando ameaçada, dirigí-la quando desencaminhada, e salvá-la quando enferma, empecada, ou pervertida...”¹⁷.

A concretização dos princípios e diretrizes difundidos pelo DNCr ficava sob a responsabilidade de Associações de Proteção à Infância e de Puericultura animadas pelo estímulo do Departamento. Dentre as Associações, destaca-se a LBA, que assume, nos diferentes *Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 384-415, Jan-Abr, 2018.*

Estados da federação, a tarefa de criar espaços de Proteção à infância e à maternidade, subsidiar auxílio material e financeiro às instituições já existentes. A LBA, como entidade civil, contava com a participação direta da indústria e do comércio na sua administração, o que lhe permitia auxiliar financeiramente as instituições, dentre elas o Círculo Operário Católico de Joinville, que partilhava das mesmas aspirações do governo de Getúlio Vargas e de Nereu Ramos em favor da construção de uma nação forte e sadia que cumprisse a grande tarefa de “proteger o capital e o trabalho e forjar, ao mesmo tempo uma sociedade harmoniosa e fundada na ordem corporativa”¹⁸.

Santa Catarina, tanto no âmbito da educação quanto da saúde, constituiu-se em um cenário propício para obras do Círculo Operário Católico que, com o intuito de promover um projeto civilizatório, marcado pelos princípios da harmonia entre as classes sociais que se coadunam com os projetos políticos e sociais do Estado na construção de uma sociedade moderna, criou espaços educativos de assistência às famílias operárias, incluindo Creche e Jardim de Infância. Importante observar que:

O modelo de modernidade baseado na ideia de desenvolvimento harmônico marcou a intervenção da Igreja e do Estado. Ambos conceberiam a organização da sociedade em contraposição ao modelo liberal, considerado responsável pela crise social. Estado e Igreja propunham uma sociedade corporativa. Com isto a Igreja buscava estabelecer um cerco ao Estado por intermédio da sociedade civil, ao que o estado tratava de impor, por ele mesmo, limites à sociedade corporativa que só se reconheceram diante de um inimigo comum: o comunismo.¹⁹

É nesse contexto nacional e regional que, em 1936, na cidade de Joinville, Padre Alberto Kolb²⁰, fundador e presidente do Círculo Operário Católico, inicia sua “grande obra”, a Creche Conde Modesto Leal, que faz parte de um conjunto de serviços que tinha como foco a família operária, desde a mais tenra infância, quando a criança era matriculada na creche, passando pelo jovem que poderia participar da Juventude Operária, às mulheres e homens que se envolviam nas atividades diversas do Círculo, e nos cursos profissionalizantes, aos idosos que necessitavam de acompanhamento médico. Num dos recortes de jornal fixado no livro 1 reiteram-se as finalidades do Círculo Operário Católico de Joinville.

Os Circulos operarios ideados pelo padre Kolb, pelas suas finalidades, princípios basicos e methodos de realização, podem considerar-se uma organização completa, satisfazendo a todas as necessidades e aspirações legitimas do trabalhador: seus interesses profissionais, intellectuaes, culturaes e Moraes.²¹

Na instauração de uma parceria entre Igreja Católica, Estado²², com vistas à disciplinarização e regulação de condutas das famílias de operários, institui-se a “saúde, instrução e moral” como tripé sobre o qual Padre Kolb alicerçou sua obra social, e a imprensa escrita foi forte aliada na difusão das suas ideias. Exemplo desta aproximação entre o Estado, Padre Kolb e a imprensa pode ser observado por meio da *clipping* produzida a partir de variados recortes de jornais da época, dentre eles, A Notícia, Jornal da Tarde, A Gazeta, fixados em livros de registro do Círculo Operário Católico de Joinville, do qual foram retirados alguns excertos para apoiar esta reflexão acerca da Creche

Conde Modesto Leal, considerando-a um dos espaços de sociabilidade entre crianças e entre elas e os adultos, e, portanto, constituidor da pequena infância.

Uma das matérias, intitulada *Uma obra de grande alcance social – As iniciativas do Padre Alberto Kolb, em Santa Catarina – A criação em Joinville, de uma instituição de Assistência Social, um appello ao presidente da república* (sem data registrada), traz um pronunciamento do próprio Padre Kolb manifestando-se sobre o seu desejo pela criação de uma obra de assistência aos trabalhadores joinvillenses, constituída por serviço ambulatorial médico e farmacêutico, atendimento aos idosos e doentes, e creches para crianças dos 6 meses aos 6 anos. Esta iniciativa tinha, como foco de educação, assistência e proteção, não apenas as crianças, mas também suas famílias.

A Crèche mantém, permanentemente, um Jardim de Infância, aula para meninos e meninas, à noite aulas de corte e costura para moças e senhoras operarias, bem como uma aula de alfabetização para operários. Possui um dormitório com 25 berços, facultando desta forma, às mães, a possibilidade de trabalharem livremente durante o dia, contribuindo assim nas despesas da manutenção da sua família. Mantem a Crèche um bem instalado Ambulatório medico sob a direção do abalisado e humanitário Dr. Norberto Bachmann, uma bem montada Farmacia bem como um Corpo de Irmãs Enfermeiras, que visitam, ininterruptamente os doentes pobres.²³

Para custear a obra social e cristã contava com ajuda financeira de industriais, comerciantes, Associações de Senhoras da Sociedade, Rotary Clube, além das subvenções dos governos federal e estadual, empenhados na educação e assistência às crianças e suas famílias.

Importante observar que o investimento na educação e proteção da infância é uma preocupação não só das Associações de Senhoras da Sociedade, mas também de autoridades das diferentes áreas: jurídica, médica, eclesiástica, da imprensa, e dos capitalistas. O texto, veiculado no jornal de grande circulação no Estado, evidencia o teor da visita dos ilustres cidadãos à creche que, com ordem e asseio, foram saudados pelas crianças:

Visita á Creche Conde Modesto Leal.

A convite do revmo Padre Alberto Kolb, uma comissão composta das mais altas personalidades de Joinville, visitou hontem a creche 'Conde Modesto Leal' averiguando o labor e a tenacidade do conhecido Pe. Kolb que offereceu um patrimônio de inestimável valor, no campo social a essa cidade que tanto necessitava de uma obra idêntica que hoje temos, preenchendo a lacuna inadmissível neste centro decantado como o primeiro do Estado Catharinense. A comissão era constituída dos seguintes elementos: Dr. Nelson Guimarães, d.d. Juíz de Direito desta comarca; Dr. Euclides Mesquita, muito digno Juiz substituto; o Sr. Olyntho Campos, promotor de justiça; Dr. Bachmann, ilustre medico; o Sr. Jornalista Aurino Soares; Monsenhor Gercino de Oliveira, conhecido professor, o dr Rocha Loures; srs. Arnoldo Luz, Fritz Gasenfeld, o delegado de polícia, sr Cruz Lima, capitalista Henrique Maia e sr. Jornalista Jairo Callado. Os illustres visitantes forma recebidos pela petizada, todos filhos de operários que os saudaram cantando bellas canções, notando-se a mais perfeita ordem e asseio em tudo.²⁴

Embora seguidor dos preceitos da Igreja Católica, anunciava com frequência que seu benefício era empreendido à população de modo geral, sem distinção de credo ou religião, clamando ajuda dos ricos em

prol dos menos favorecidos. Com esse movimento, atendia à doutrina social dos princípios da Encíclica Papal (Papa Leão XIII, 1891), em que

a Igreja, instruída e dirigida por Jesus Cristo, eleva o seu olhar para mais alto; propõe um conjunto de preceitos mais completo, porque ambiciona estreitar a união das duas classes até as unir uma a outra por laços de verdadeira amizade.²⁵

De todos os paizes que enchem o mapa do universo e que estão ainda, em submissão e obediência ao Vaticano, o Brasil é dos poucos, ou, talvez, o único que se conserva respeitoso e reverente em presença dele. Tradições étnicas e históricas sedimentaram-lhe por séculos de vida o culto familiar ao báculo e ao ceptro divinos de que Anchieta e Nobrega aqui tão bem representaram, junto ao gentio e ao colonizador branco. Mas essas tradições, mal prosseguidas em exemplos que estarão, hoje, faltando, apresentam a resistência frágil do fio de linha. Sem o reforço de obras de realização social que serão outras linhas a juntar a essa isolada, sem isso, de uma hora para outra ela ameaça partir-se. Nessa previsão de acontecimentos indesejáveis a Créche que se vai dentro em pouco inaugurar em Joinville, indo ás simpatias e jubilo de todos faz supor que, enfim, Cristo, sob qualquer das modalidades sectárias em que ele aparece, mas principalmente na casa de Pedro, perdurará em nosso alta votivo. Que mais uma vez chamando as crianças mansamente como Ele fez em tempos passados, seja o seu nome abençoado pela inauguração dessa Créche! ²⁶

Vale ressaltar, ainda, que na Encíclica Papal (*Rerum Novarum*), na qual a doutrina social da Igreja é oficializada, a *Condição dos Operários* ganhou centralidade, e a defesa recaí sobre a conciliação entre capital e trabalho, entre a riqueza e o proletariado, visto que, neste período, o movimento operário estava em ebulição nos países que serviram de

berço para a Revolução Industrial, o que justificou a forte atuação dos Círculos Operários no Brasil na primeira metade do século XX, no momento em que este país se encontrava em franco desenvolvimento.

Em outro recorte de jornal, datado de 12 de fevereiro de 1936, cujo título é *A Homenagem do Rotary Club de Joinville à sua Revmas Snrs. Padres Leopoldo Brentano e Alberto Kolb*, há a transcrição do pronunciamento realizado nesta solenidade por Leopoldo Brentano, que enfatiza a finalidade desta “obra meritória”. Percebe-se, neste pronunciamento, a forte marca de uma política assistencial que visa à educação da família, de modo geral, atendendo ao projeto de nacionalização para formação de um corpo coletivo, como mostra o teor do referido discurso:

Finalidades, quaes sejam principalmente: a instrução, com escolas primarias, profissionais e de aperfeiçoamento; a assistência medica, visando em particular a debellação do impaludismo e das verminoses, verdadeiros flagelos das classes pobres, dos trabalhadores; a assistência jurídica, facilitando ao operário a feitura de requerimentos, processos de inventario, etc., bem como fornecer-lhe todas as informações necessárias; o problema da habitação, ensinando ao trabalhador, a saber adquirir ou bem construir a sua morada, a cuidar com proveito de sua casa, de sua plantação, etc.; creches, que são instituições onde as mães operarias ahí deixam os seus filhinhos pela manhã, de 6 meses á 10 annos de idade, e sob os bondosos cuidados de irmãs de caridade e empregadas escolhidas e mediante uma insignificante remuneração. As criancinhas são bem alimentadas, sempre lavadas e vestidas com asseio, havendo [...] um jardim de infância com [...] instrução e folguedos infantis. A’ noitinha, de volta de seu trabalho, as mães dessas creanças levam-nas para suas casas cheias de viva satisfação, pois, já

compreendem os reais benefícios que lhes trazem e a seus filhinhos esses estabelecimentos piedosos. E como custear obra tão grandiosa, mas também tão dispendiosa?²⁷

Constata-se, por esta proposição, que o Círculo Operário Católico atuava na área da educação, saúde, previdência e assistência jurídica para os trabalhadores urbanos, assumindo uma dimensão mais alargada de política de assistência, perfilando-se com a proposta de sociedade em construção, pautada em uma nova racionalidade educativa vinculada às concepções médico-higiênica, assistencialista, jurídica e econômica, em vigor no governo de Getúlio Vargas. Na mesma trilha das intenções do Estado, o Círculo Operário Católico, com o método que lhe era peculiar, tinha como papel instruir, educar, orientar e moralizar a classe operária, incluindo os filhos, futuros trabalhadores cristianizados. Essas intenções de caráter político, econômico e social visavam a constituir um movimento operário livre das influências revolucionárias, como é explicitado no do Manual do Círculo Operário:

Os Círculos Operários são no Brasil uma realidade. São fruto da necessidade urgentíssima de salvar o operário brasileiro das injustiças sociais e da conseqüente miséria generalizada, com seu tristíssimo cortejo de desventuras. Nasceram da necessidade inadiável de livrar os nossos operários dos falsos condutores esquerdistas e pseudo intelectuais, que de todos os lados surgem pretextando salvá-los. Na realidade, porém, exploram-nos torpemente e os arrastam à luta de classes.²⁸

As novas necessidades do desenvolvimento urbano-industrial, que se instaurava sob os pilares da racionalidade capitalista, embasaram a

Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 384-415, Jan-Abr, 2018.

proposta da creche; como extensão do Círculo Operário. Constituía-se em um instrumento útil de caráter educativo modelador e tutelar da pequena infância e das famílias da classe trabalhadora. A educação moral, higiênica, patriótica e religiosa são as bases estruturantes do trabalho realizado com as crianças e famílias. Restaurar costumes viciosos, inculcar a doutrina social cristã, a ordem e bons hábitos higiênicos, proteger a infância, desde a mais tenra idade, preservando-a de doenças e influências de lares econômico e moralmente desorganizados reflete a natureza do lema reiterado para as famílias operárias: “Unidos e coesos em pról da religião e da família, sejamos unidos e coesos pelos nossos ideais, pela ordem, pelo progresso, pela paz e tranquilidade da Pátria e do lar”.²⁹ A defesa e fidelidade ao Presidente era exaltada nos discursos aos trabalhadores: “O Círculo Operário Católico de Joinville será fiel ao seu programa, fiel a seu grande e inconfundível Presidente Vargas, fiel ao seu lema. Tudo por Deus! – Tudo pelo Brasil”³⁰.

Crescer empunhando a bandeira da Ordem e Progresso, para a conquista da nação forte, robusta, branca e harmônica. Para tanto era necessário:

Em primeiro lugar, arrancar as ervas daninhas. Roçar e depois preparar o terreno pra semear. Mais tarde cultivar para colher. Assim é a agricultura, e assim também o campo social. O operário está cheio de preconceitos contra os padres e contra a Igreja. É preciso pois, começar essas ervas daninhas: começar por arrancar os maus preconceitos. Quem não fizer isto, semeará em vão. [...] O trabalho deve ser feito racionalmente. [...] O Círculo Operário faz-se tudo isso a seu tempo.³¹

Futuros Operários! Eis o papel da educação na primeira infância, conduzi-la nos preceitos dos valores da ordem social cristã sob a égide da lógica do capital. Amar a Deus e a Pátria, respeitai os desígnios da ordem natural que guia as relações entre capital e trabalho em favor do perpetuamento do “ethos social dominante”³².

Não é surpreendente, pois que o desenvolvimento tenha caminhado de mãos dadas com a doutrinação da esmagadora maioria das pessoas com os valores da ordem social do capital como a ordem natural inalterável, racionalizada e justificada pelos ideólogos mais sofisticados do sistema em nome da “objetividade científica” e da “neutralidade de valor”³³.

O ideário cristão da caridade e filantropia revela-se na crônica escrita por Moacir Gomes (importante cronista joinvillense), intitulada *Duas vezes por Semana*, retirada de um dos livros do Círculo Operário de Joinville:

Todas as manhãs, ao abrir as janelas do meu quarto aqui em Joinville, depara-se-me, perto, envolto nas brumas matutinas, as paredes em construção de um templo. Não tem êle a sutuosidade grandiosa de que conforme nos refere os Evangelhos ergueu Salomão, para honra e gloria de Deus. Não possui as linhas arquitetônicas das catedrais opulentas nem lembra, sequer, as elegantes edificações das nossas igrejas modernas. Mas não sendo nada disso, nem, também, casa simples de orações, ele desperta em todo coração humano a beleza que o ouro, o mármore, o granito trabalhados ou as obras de arte seriam capazes de produzir. É que maior do que as subjetividades da Fé ali se ergue, naquelas paredes de tijolo sem adornos, mais do que o simbolismo decorativo de arquitetura, a manifestação elevada dos melhores sentimentos: o sentimento da Caridade. É que esse templo que meus olhos todas as manhãs

divisam é uma Crèche. Presente régio do Conde modesto Leal e sob o patrocínio da Diocese joinvillense, ele assume o aspécto das novas tendências que a Igreja de Cristo, si quer subsistir como semente lançada no coração do homem, terá que tomar no seu sentido social ou humano. Só a pedra que se colocou com este fim de amparo, de proteção útil à coletividade sofredora ou necessitada de conforto, menos do espirito do que material, só essa pedra poderá alicerçar a fé e a esperança religiosas atual e infelizmente, por desídia do cléro, periclitantes.³⁴

A exaltação à caridade e às novas tendências da Igreja deram à creche lugar de destaque: *templo*. E, como tal, esta creche passou a funcionar sob os cuidados da Congregação da Ordem São Vicente de Paulo³⁵ (Irmãs Vicentinas), que também estendeu suas ações para outras áreas de assistência social do Círculo como, por exemplo, o ensino profissionalizante destinando ao atendimento das mulheres-mães, aos familiares dos sócios e outros interessados.

Miranda³⁶, ao tratar do “legado social” deixado por Padre Kolb, posiciona a Creche Conde Modesto de Leal dentre uma “construção política de atendimento às famílias” e faz menção à relação institucional consolidada entre este religioso e o Estado por meio de Departamento de Assistência Social do Estado³⁷ e pela Legião Brasileira de Assistência.

No percurso histórico desta instituição, as dificuldades financeiras para manter a creche com a saída das Irmãs Vicentinas, por volta de 1948, significou o encerramento das suas atividades, que foram retomadas quando Padre Kolb “acelerou o processo político de aproximação com o governo do Estado, que assumiu a então Escola

Primária São José. Dessa forma, ainda no mesmo ano, a Escola [creche] Conde Modesto de Leal foi reaberta”.³⁸ Frente às dúvidas sobre quem realmente deveria assumir a creche: se o Círculo Operário como entidade mantenedora, se a Igreja Católica como instituidora do Círculo, se os órgãos públicos que também financiavam a manutenção dos serviços, esta instituição foi sendo assumida por diferentes protagonistas, como as religiosas da Ordem Beneditina; a Mitra Diocesana de Joinville; a Congregação do Divino Salvador e as Irmãs Salvatorianas – através de seus diferentes provedores até que, em 1995, “atendendo às exigências legais, a figura do Provedor foi substituída por uma Diretoria, também voluntária, eleita pela Assembleia de Sócios” (Histórico do Centro Educacional Conde Modesto de Leal)³⁹.

Em meio a esse processo vai se configurando uma política social de atendimento às crianças pobres e suas famílias em Joinville, região norte do Estado, realizada no interior de um projeto educativo em que “Deus e a Pátria se entrelaçam, se imanam, e se confundem.”⁴⁰ Nos meandros de uma educação higiênica sustentada pelas práticas religiosas caritativas, a creche é vista como um lugar piedoso, e as famílias, em especial as mães, devem agradecer aos homens de boa vontade e espírito cristão:

[...] instituições onde as mães operarias ahi deixam os seus filhinhos pela manhã, de 6 meses á 10 annos de idade, e sob os bondosos cuidados de irmãs de caridade e empregadas escolhidas e mediante uma insignificante remuneração. As criancinhas são bem alimentadas, sempre lavadas e vestidas com asseio, havendo [...] um jardim de infância com [...] instrucção e folguedos infantis. A’ noitinha, de volta de seu trabalho, as mães dessas creanças levam-nas

para suas casas cheias de viva satisfação, pois, já compreendem os reais benefícios que lhes trazem e a seus filhinhos esses estabelecimentos piedosos.⁴¹

No projeto do nacional desenvolvimentismo subjacente à modernização do país, a Igreja, representada pelo Círculo Operário Católico de Joinville, insere-se como implementadora das ideias higienistas disseminadas pelo DNCr, no âmbito da classe operária, em apoio à consolidação das políticas sociais de caráter assistencial em âmbito nacional, que eram destinadas à manutenção, instrução, educação higiênica e educação moral das famílias e da pequena infância, considerando esta como promessa de um futuro promissor, de adultos saudáveis, dóceis e vigorosos, pois

a grandeza, o poder, a prosperidade da nação e a força das mãos dependem intrinsecamente do melhor estado de robustez física e intelectual dos seus filhos. [...] Da herança que o homem recebe nos primeiros tempos de vida depende o seu vigor ou a sua debilidade.⁴²

Em outro registro, é enfatizada a obra humanitária empreendida pelas Irmãs de Caridade, que materializam a “grande obra” educativo-assistencial:

Completam-se hoje dez anos de profícua atividade das Irmãs de Caridade ‘São Vicente de Paulo’ na creche ‘Conde Modesto Leal’. O que tem sido a ação humanitária destas humildes servas de Deus em Joinville e de todos sabido. Atestam-na brilhantemente o cuidado e o zelo de que são tratadas as criancinhas recolhidas à creche. Tudo nesta casa de caridade evidencia o elevado espírito cristão e os sentimentos nobres das irmãs que a dirigem.⁴³

Dos benfeitores que contribuíram para a construção da creche, o mais afortunado e generoso para com as crianças da creche, que tem seu nome. Nas palavras de Pe. Kolb:

Exmo. Sr. Conde João Leopoldo Modesto Leal, coração generoso e altruístico sempre voltado para as benemerências, sempre solícito para enxugar as lágrimas dos que choram, dar de comer os que tem fome, vestir os nus. Deus prodigalizou-lhe todos os bens deste mundo, o encheu de grande medida de talentos segundo a palavra da S. Escritura, fazendo reverter centenas de contos anualmente em benefício dos que choram, dos que gemem, mitigando a dor do seu semelhante, fazendo caridade a todos.⁴⁴

Ainda com relação à caridade, filantropia e benevolência das classes abastadas, em prol das crianças que frequentavam a Creche Conde Modesto Leal, observam-se as campanhas de arrecadação de donativos (berços, alimentação, valores em dinheiro, entre outros, organizados por: Associação de Senhoras da Sociedade, Rotary Clube, médicos, comerciantes e industriais. O envolvimento da elite joinvillense e autoridades também mobiliza esforços para celebrar datas comemorativas: Natal das crianças pobres, Semana da Criança e Concurso de Robustez e Beleza Infantil. Tal questão remete para os problemas sobre a proteção à infância no início do século XIX:

Nesse período por que passa a humanidade. Governos, Homens do Estado, Philantropos, Médicos, Higienistas e Senhoras de coração, todos convergem seus piedosos olhares para a infância, na qual reconhecessem existir a salvação da coletividade e o desenvolvimento econômico das nações.⁴⁵

A creche, exaltada como lugar da ação dos filantropos, como espaço de caridade, de favor aos pobres, dádiva dos mais abastados, expressa a condição subalterna das crianças e das famílias pobres e o quanto a educação assistencialista vem legitimar a ordem social estabelecida como supostamente natural e imutável. Uma pedagogia da submissão, concepção de Moysés Kuhlmann:

Uma pedagogia das instituições educacionais para os pobres é uma pedagogia da submissão, uma educação assistencialista marcada pela arrogância que humilha para depois oferecer o atendimento como dádiva, como favor aos poucos selecionados para o receber. Uma educação que parte de uma concepção preconceituosa da pobreza e que, por meio de um atendimento de baixa qualidade, pretende preparar para permanecer no lugar social a que estariam destinados.⁴⁶

A educação da infância, atrelada à política ideológica da Igreja e do Estado com foco na formação cristã e patriótica da classe operária, é profundamente marcada pela disciplina religiosa e culto à pátria:

Na Capela as crianças entoarão hinos sacros, no Jardim de Infância cantarão estrofes patrióticas. Na Capela aprenderão a amar a Deus e no Jardim de Infância a cultuar a Pátria. Deus e Pátria entrelaçados no mesmo Pavilhão, a surgir, vivendo unidos nos corações das nossas crianças.⁴⁷

A Creche Conde Modesto Leal, como instrumento de educação das crianças, e em especial das mães operárias, abarcava as questões emergentes que o desenvolvimento urbano industrial requeria, dentre os quais o trabalho da mulher fora do lar, a conservação da infância e o fortalecimento da raça. Portanto, era necessário gerenciar a vida dos

indivíduos numa perspectiva utilitária, pois a proliferação da indústria; exigia um novo tipo de trabalhador:

Já não bastaria que fosse piedoso e resignado, embora isso continuasse sendo conveniente e necessário. A partir de agora, devia aceitar trabalhar para o outro e fazê-lo nas condições que este outro lhe impusesse. Se os meios para dobrar os adultos ia ser a fome, o internamento ou a força, a infância (os adultos das gerações seguintes) oferecia a vantagem de poder ser modelada desde o princípio de acordo com as necessidades da nova ordem capitalista e industrial, com as novas relações de produção e os novos processos de trabalho.⁴⁸

Desse modo, o Círculo Operário Católico, através de sua aliança com o capitalismo industrial, constituía-se em um grande agente de controle social da formação de homens, mulheres e crianças, mesmo as mais pequenas, por meio de uma educação higiênica, moral, cívica, patriótica e religiosa, princípios constituidores da infância no contexto da creche, concebida por Pe. Alberto Kolb como a “grande” obra da caridade cristã, patriótica e nacionalizadora circunscrita no âmbito da aliança entre da Igreja o Estado.

Considerações finais

A constituição histórica da Educação Infantil está nitidamente marcada, social e politicamente, ao contexto que inaugura o século XX, com um período de expansão social e transformações econômicas advindas do processo de industrialização e urbanização. É, também, marcada como um período em que se intensifica a aliança entre Estado e

a Igreja, na implementação das políticas sociais higienistas e filantrópicas com objetivos comuns de fortalecimento do projeto nacionalista.

O período histórico compreendido entre 1930-1945, abrangência deste estudo, foi marcado por relações entre Igreja-Estado, caridade-filantropia, em torno da conservação e higienização da infância, e trouxe indícios que podem contribuir para o delineamento de uma história de constituição de uma infância no contexto de creche pautada na perspectiva da tutela, da subalternidade vivida sob os preceitos da caridade e filantropia. As crianças experienciam, na mais tenra idade, a condição de subalternidade, carregam desde cedo as responsabilidades que lhes são atribuídas: crescer forte e saudável, educadas, virtuosas e responsáveis, aptas para enquadrar-se no modo de vida operário e tornar-se parte da massa explorada, “necessária à máquina produtiva em expansão do sistema do capital”.⁴⁹ Para serem membros virtuosos e valiosos para o trabalho industrial, os filhos dos operários são educados desde pequenos a saudar Deus e a Pátria, símbolos do Estado Novo.

Fontes documentais

A GAZETA. Florianópolis, 29 mar. 1940. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1939/GAZ19391620.pdf>. Acesso: 17/02/2018.

A NOTÍCIA. Florianópolis, 21 jan. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1939/GAZ19391620.pdf>. Acesso: 17/02/2018.

_____. Florianópolis, 15 jul. 1936. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1939/GAZ19391620.pdf>. Acesso: 17/02/2018.

ARCHIVOS DE ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA: órgão oficial do Instituto de Proteção a Assistência à Infância do Rio de Janeiro. Ano IX, abr./maio 1917, n. 1.

KOLB, A. **Reminiscências para a história do Círculo Operário**, n° 4, 1945.

_____. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa**. Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro n° 1 [s/d].

_____. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa**. Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro n° 4 [1942/46].

_____. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa**. Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro n° 3 [1941/42].

_____. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa**. Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro n° 2 [s/d].

Notas

* Esse texto retoma e amplia um dos temas tratados na tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2013.

** Doutora em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, n° do ORCID. <https://orcid.org/0000-0003-4399-6621>.

*** Doutora em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, n° do ORCID. <https://orcid.org/0000-0002-3239-2980>.

¹ KOLB, A. **Reminiscências para a história do Círculo Operário**, n° 4, 1945. pp. 9-11.

² As Reminiscências para a história do Círculo Operário Católico de Joinville constitui um conjunto de cadernos escritos por Padre Alberto Kolb sobre sua participação em cerimônias especiais, eventos em que esteve representando a entidade, discursos proferidos por ele e por autoridades eclesiásticas e políticas, correspondências enviadas e recebidas por autoridades políticas e empresariais, relatos sobre a obtenção de recursos para o Círculo Operário Católico de Joinville.

³ O Círculo Operário consiste em um movimento religioso que ganhou consistência no Brasil a partir de 1932, momento em que assumiu para si a tarefa de “educar os trabalhadores na fé e na ordem”. Trata-se de uma experiência corporificadora da forma católica hierárquica de intervenção junto ao mundo do trabalho e da relação expressiva da Igreja com o Estado (DIEHL, A. A. **Os Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto social-**

político (1932 a 1964). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990; MARQUES, J. L.; BARBOSA, S. C. **Círculos Operários: doutrina e ação da Igreja e do Estado. Círculo Operário de Joinville (1935 – 1948)**, Joinville, 1992; SOUSA, J. J. V. **Da transcendência à disciplina: os Círculos Operários e a intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil (1930-1964)**. Doutorado em História (Pós-Graduação em História). UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 1998). Ainda em relação Círculo Operário de Joinville, sugere-se: SOUZA, G. M. **A educação dos trabalhadores de Joinville no Estado Novo (1937- 1945), por meio da propaganda**. Um estudo de caso: DNP – Departamento Nacional de Propaganda, 2013.

⁴ FERREIRA, M. M. **Salvar Corpos, forjar a razão: contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social em Portugal: 1880-1940**. Porto-PT: Instituto de Inovação Nacional, 2000. p. 45.

⁵ *Ibid.*, p. 10, grifo da autora.

⁶ BECCHI apud SOUZA, G. (Org.). Os jardins de Infância Públicos no início do século XX. In: **Educar na infância: perspectivas histórico-sociais**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 162 (grifo do autor).

⁷ ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1979; CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

⁸ Ver recente texto de Freitas e Biccás sobre o assunto *in*: FREITAS, M. C. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009. pp. 11-372.

⁹ VASCONCELOS, J. Freire de; SILVEIRA, Sampaio. **Problemas médico-sociais da infância, o comércio das criadeiras**. Rio de Janeiro: Livraria Odeon, 1938. p. 183.

¹⁰ VIEIRA, L. M. F. **Creches no Brasil: de mal necessário a lugar de compensar carências rumo à construção de um projeto educativo**. 1986. Dissertação (Mestrado). UFMG, Belo Horizonte, Brasil, 1986; CIVILETTI, M. V. P. **A creche e o nascimento da nova maternidade**. Rio de Janeiro: ISEPP, FGV, 1988; KUHLMANN JUNIOR, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998; KUHLMANN JUNIOR, M. **O jardim-de-infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX**. In: MONARCHA, Carlos. (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas: Autores Associados, 2001. pp. 3-30; KUHLMANN JUNIOR, M.; FREITAS, M. C. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002; KUHLMANN JUNIOR, M. Educando a infância brasileira. In: Eliane Marta Teixeira Lopes; Luciano M. Faria Filho; Cynthia G. Veiga. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 469-496; SOUZA, 2010; BATISTA, R. **A Emergência da**

Docência na Educação Infantil no Estado de Santa Catarina: 1908-1949. Tese de Doutorado. UFSC, Florianópolis, Brasil, 2013.

¹¹ MONCORVO FILHO. **Breves considerações sobre um programa de Protecção á Infancia.** Rio de Janeiro, 1928. p. 4.

¹² VARGAS, G. Presidência da República. Casa Civil. Secretaria de Administração Diretoria de Gestão de Pessoas Coordenação-Geral de Documentação e Informação. Coordenação de Biblioteca. Biblioteca da Presidência da República. **O bem-estar e a saúde das mães e das crianças.** Discurso pronunciado no Palácio Guanabara, em comemoração do Natal, a 24 de dezembro de 1939

¹³ CAMPOS, C. M. **Santa Catarina, 1930:** da degenerescência à regeneração. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p. 106.

¹⁴ KHULMANN JUNIOR, 1998, p. 92.

¹⁵ A GAZETA. Florianópolis, 29 mar. 1940. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1939/GAZ19391620.pdf>. Acesso: 17/02/2018. Grifos do autor.

¹⁶ BATISTA, 2013.

¹⁷ FLAMMARION, C. Objetivos e realizações do Departamento Nacional da Criança. **Serviço Social**, São Paulo, nº 34, Ano IV, set. 1944. p. 112. Grifos do autor.

¹⁸ SOUSA, J. J. V. **Círculos Operários:** a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 152.

¹⁹ *Ibid.*, p. 278.

²⁰ Pioneiro de atividades ligadas à área social em Joinville, nasceu em Lorena (Alemanha) no ano de 1898, vindo para o Brasil ainda criança, com apenas 8 anos de idade. Tornou-se sacerdote em Minas Gerais no dia 11 de junho de 1926 e exerceu o sacerdócio em diferentes estados, até chegar a Joinville no ano de 1933, em plena era Vargas. “Agindo como padre independente e sem paróquia, encontrou na causa social a razão para ‘justificar a sua própria existência’, conforme cita em suas reminiscências” (MIRANDA, 2006, p. 19).

²¹ KOLB, A. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa.** Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro nº 1 [s/d], s/p.

²² O modelo de modernidade baseado na ideia de desenvolvimento harmônico marcou a intervenção.

²³ *Ibid.*, s/p (Livro nº 1).

²⁴ A NOTÍCIA. Florianópolis, 21 jan. 1938. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1939/GAZ19391620.pdf>. Acesso: 17/02/2018. Grifos do autor

²⁵ CARTA Encíclica Rerum Novarum (Sobre a condição dos operários), 15 de maio de 1891. Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso: 30/10/2012.

²⁶ KOLB, A. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa**. Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro nº 4 [1942/46]. s/p.

²⁷ Ibid., s/p (Livro nº 1).

²⁸ MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO. Publicado pela Confederação Nacional de Operários Católicos. Terceira edição (resumida). Rio de Janeiro, 1964. p. 45.

²⁹ KOLB, [1942/46], s/p (Livro nº 4).

³⁰ Idem.

³¹ MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO, 1964, p. 228.

³² MÉSZÁROS, I. **A Educação para além do Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 81.

³³ Ibid., p. 80, grifos do autor.

³⁴ KOLB, Alberto. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa**. Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro nº 3 [1941/42], s/p.

³⁵ A origem desta Congregação está relacionada ao sacerdote francês Vicente de Paulo que, em 1625, instituiu essa missão em Paris – França. Também conhecidos como *Lazaristas*, a Congregação da Ordem Vicentina dispersou-se durante a Revolução Francesa, retomando as atividades no período Napoleônico. Seu contínuo crescimento ocorreu no século XIX, e perdeu seu reconhecimento francês quando do rompimento da Igreja com o Estado. Espalhando-se pelo mundo, no sul do Brasil chegaram os religiosos Vicentinos provenientes da Polônia, na última década oitocentista (1898), embora Miranda (2006) apresente dados sobre a atuação de religiosas alemãs na Creche Conde Modesto de Leal. (WIKIPEDIA: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Congrega%C3%A7%C3%A3o_da_Miss%C3%A3o. Acesso: 16/10/2015).

³⁶ MIRANDA, C. S. M. **Creche Conde Modesto de Leal: o legado social de padre Kolb**. Joinville: Letra d'Água, 2006. p. 63.

³⁷ Criado pela Lei nº 2.497, de 24/12/1935.

³⁸ Ibid., p. 71.

³⁹ CONDE MODESTO. Disponível em:

<http://condemodesto.com.br/historia.htm>. Acesso: 26/08/2015.

⁴⁰ KOLB, [1942/46], s/p (Livro nº 4).

⁴¹ Ibid., s/p (Livro nº 1).

⁴² ARCHIVOS DE ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA: órgão oficial do Instituto de Proteção a Assistência à Infância do Rio de Janeiro. Ano IX, abr./maio 1917, n. 1. p. 13-14.

⁴³ KOLB, [1941/42], s/p. (Livro nº 3).

⁴⁴ A NOTÍCIA. Florianópolis, 15 jul. 1936. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/agazeta/1939/GAZ19391620.pdf>. Acesso: 17/02/2018. s/p.

⁴⁵ MONCORVO FILHO, 1928, p. 4.

⁴⁶ KUHLMANN, 1998, p. 182-183.

⁴⁷ KOLB, A. **Histórico do Círculo Operário através da imprensa**. Fatos e não palavras. Amparando os proletários catarinenses. Livro nº 2 [s/d], s/p.

⁴⁸ ENGUITA, M. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Trad. Tomáz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 113.

⁴⁹ MÉSZÁROS, 2008, p. 35.